

## CAPÍTULO 20

### *RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTAGIÁRIOS EM PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA*

**João Victor Braz**<sup>1</sup>, **André Sousa Rocha**<sup>2</sup>, **Nathália Bonugli Caurin**<sup>3</sup>, **Carlos Eduardo da Silva-Barbosa**<sup>4</sup>, **Estephany Silva Braz**<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade São Francisco, (joavictorbrazcontato@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade São Francisco, (andresousarocha9@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade São Francisco, (nathaliacaurin@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade do Grande Rio, (cedsbzs@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade São Francisco, (estephanyasilva14@hotmail.com)

#### **Resumo**

**Objetivo:** Esta pesquisa consistiu em relatar a experiência de estagiários de Psicologia que tiveram o primeiro contato com a Avaliação Psicológica em prática profissional, ainda na graduação. **Método:** Estudo com delineamento qualitativo e descritivo do tipo relato de experiência ocorrida nas disciplinas do setor de estudos em Avaliação Psicológica. No contexto da graduação, a avaliação foi apresentada por meio de diversas matérias, com horas teóricas e práticas que abarcavam a história da avaliação psicológica, propriedades psicométricas dos testes, conhecimento de instrumentos, técnicas de *role play* para treinamento do processo, aplicação, correção e conclusão de uma Avaliação psicológica com fins didáticos. **Resultados:** Constatou-se que os estagiários tenham compreendido o objetivo desse momento, principalmente com a experiência prática e correção do processo de avaliação. **Considerações Finais:** Para além desses, vivenciar e reconhecer suas ansiedades, medos e conquistas frente a novidades em momento de graduação de Psicologia.

**Palavras-chave:** Estágio em Psicologia; Experiências; Avaliação Psicológica, Graduação.

**Área Temática:** Temas transversais – Outros.

**E-mail do autor principal:** joavictorbrazcontato@gmail.com

#### **1 INTRODUÇÃO**

A Avaliação Psicológica é uma atividade privativa dos profissionais de psicologia conforme o artigo 13 da Lei 4.119 de 1962 que regulamenta a profissão no país (BRASIL, 1962). Ao longo do tempo, essa área passou por intensas e profundas transformações em seu *modus operandi*, o que mobilizou esforços da categoria em constituir e implementar espaços

profícuos de desenvolvimento de pesquisas com foco a avançar o conhecimento a respeito da avaliação psicológica (SANTOS, 2018).

Nesse sentido, esse movimento surgiu, principalmente, após duas décadas de rechaço. Especificamente, entre 1970 a 1990, os testes psicológicos foram duramente criticados pelo mau uso dos profissionais e por apresentarem informações que não refletiam as características da população brasileira. A partir dessa consequência, novas estratégias e planos de ação foram concebidos por pesquisadores engajados na causa da avaliação psicológica, que propuseram a criação de entidades representativas, sendo instituído o Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (IBAPP) em 1997, além de grupos de trabalho (GT) bem como encontros e congressos científicos. Destaca-se que, na atualidade, o IBAPP possui a nomenclatura de Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (WECHSLER; HUTZ; PRIMI, 2019).

Para realizar uma avaliação psicológica satisfatória, que atenda aos preceitos estabelecidos no Código de Ética Profissional (CFP) e das diversas resoluções elaboradas por essas entidades e outras representativas, é preciso que o profissional, minimamente, possua conhecimento técnico, ético e científico dos métodos, técnicas e instrumentos que serão aplicados. Reforça-se que a avaliação psicológica ocorre, de forma processual e dinâmica e exige para tanto o vasto conhecimento profissional de diversas áreas da psicologia, como, por exemplo, desenvolvimento humano, psicopatologias e teorias específicas da inteligência e personalidade (SCHNEIDER *et al.*, 2020). Além disso, existem variadas técnicas, métodos e instrumentos que podem subsidiar o profissional na tomada de decisão.

O ensino da Avaliação Psicológica tem sido fomentado e debatido nos últimos 20 anos (REPPOLD; NORONHA, 2015). Percebe-se preocupação sobremaneira de pesquisadores em compreender como as disciplinas estão divididas e sendo repassadas. Há estudos que alertam para o ensino básico da avaliação psicológica, isto é, que os docentes responsáveis estão ensinando formas de administrar e aplicar os instrumentos psicológicos sem o devido senso crítico para as técnicas (AMBIEL *et al.*, 2019; GOUVEIA, 2018; FREIRE *et al.*, 2017; NORONHA; ALCHIERI, 2004). Antes de um teste psicológico ser aplicado, deve-se verificar os estudos de suas propriedades psicométricas, bem como examinar se de fato o instrumento selecionado é o melhor para atender a demanda manifestada. Ademais, há ênfase nos construtos de personalidade e inteligência, o que também tem sido citado de forma preocupante (NORONHA; FREITAS, 2005).

Nessa direção, Nunes *et al.* (2012) elaboraram diretrizes para o ensino da avaliação que



estão divididas em quatro componentes, sendo a primeira as competências em avaliação psicológica, seguida de disciplinas e conteúdos programáticos respectivos, estrutura de ensino e referências indicadas para as disciplinas da área. Tal documento foi criado com base em referências positivas e difundidas pela comunidade acadêmica e fornece orientações para os docentes se organizarem quanto aos assuntos que serão ministrados.

Os testes psicológicos podem se subdividir em duas categorias que são os projetivos e os psicométricos. Os psicométricos se baseiam na Teoria da Medida ou a descrição numérica para compreender a relação entre os fenômenos psicológicos. Algumas características que vale destacar são os procedimentos estatísticos e rigorosos utilizados e a padronização sistemática de aplicação, correção e interpretação dos resultados (PASQUALI, 1997; PASQUALI, 2003).

Os projetivos, por sua vez, enfocam a descrição linguística para estudar um determinado fenômeno. Dessa forma, a análise se norteia a partir da natureza qualitativa, a partir da exposição de estímulos ambíguos pouco ou nada estruturados, de modo a oferecer uma vasta possibilidade de interpretação da tarefa para o respondente. Por não existir uma resposta certa ou errada, os instrumentos projetivos são recomendados para iniciar o processo avaliativo, como uma forma de minimizar o risco potencial de ansiedade do respondente, uma vez que saber que está participando de uma avaliação pode trazer à tona sintomas ansiosos e refletir em respostas adulteradas e que pouco ajudarão na tomada de decisão do profissional (CUNHA, 2000; PASQUALI, 1997).

Uma forma de suprir a carência do ensino em sala de aula, com as disciplinas de avaliação psicológica, pode ser por meio das monitorias acadêmicas. As Diretrizes Nacionais Curriculares (DCN's) enfatizam no artigo 84 que as monitorias envolvem um conjunto de atividades em que os discentes do ensino superior poderão aproveitar em tarefas de pesquisa e ensino pelas respectivas instituições, de acordo com o rendimento nas disciplinas e o plano de estudo (BRASIL, 1996). Dessa forma, a monitoria, junto a extensão e a pesquisa deve constituir o tripé universitário, com fim de consolidar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e ofertar troca de conhecimento para os estudantes que participarem das atividades propostas (MOITA; ANDRADE, 2009).

A partir das questões suscitadas em avaliação psicológica e visto que a monitoria acadêmica pode ser um espaço profícuo para suprir as lacunas evidenciadas em sala de aula, a proposta deste trabalho é apresentar o relato de experiência de aplicação de instrumentos nas disciplinas do setor de estudo em avaliação psicológica.

## 2 MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter básico de delineamento qualitativo e descritivo do tipo relato de experiência. Os estudos de natureza qualitativa fornecem à comunidade um produto científico das ciências humanas e se faz presente na pós-modernidade. Além disso, sua elaboração se constitui a partir da subjetividade do sujeito pesquisador sobre uma determinada temática que pode ser histórica e social. Nas propostas de relato de experiência, busca-se trabalhar com legitimidade de ideias, visto que ela permite o avanço na construção teórica do que se está sendo abordado de modo a apresentar novas concepções de sentido sem deixar de lado a integridade das informações (DALTRO; FARIA, 2019; GONZÁLES-REY, 2002; MINAYO, 2004).

Esse trabalho foi desenvolvido a partir da disciplina Ciência da Medida e Avaliação da Inteligência (4º semestre), Avaliação da Personalidade (5º semestre) e Métodos Projetivos (6º semestre) em Psicologia em uma Instituição do Ensino Superior localizada no Estado de São Paulo. As aulas ocorriam, semanalmente, às terças-feiras, no período noturno com duração, em média, de 2h30. A disciplina foi constituída por 116 créditos totais, sendo 4h créditos práticos e o restante de créditos teóricos. Nos momentos das práticas foram solicitadas a aplicação de instrumentos de avaliação psicológica como uma forma de *role-play*, ou seja, vivenciar a situação de forma simulada antes de acontecer de forma real, durante os estágios na clínica-escola ou como profissionais clínicos atuantes em diversos contextos profissionais.

O instrumento escolhido para a aplicação foi a Bateria de Prova de Raciocínio proposta pelos autores Leandro Almeida e Ricardo Primi. O kit que contém esse instrumento é formado por um manual, um caderno de aplicação e um bloco de resposta para cada subteste, além do crivo de correção. A aplicação desse instrumento leva em torno de 28 minutos.

A colaboração do estudo foi um jovem adulto de 22 anos que cursava graduação técnica em Manutenção de Aeronaves. Ele foi convidado a responder de forma voluntária o instrumento e foi informado de todos os objetivos inerentes. Após o aceite, aconteceu o agendamento prévio em uma sala de aplicação da universidade, que buscou seguir todas as recomendações de padronização proposta por Pasquali (2001), tais como: o material da testagem, o ambiente da testagem e o aplicador.

Em relação ao material da testagem, devem ser preservadas a qualidade do teste e sua pertinência. Já o ambiente da testagem deve atender duas condições: o ambiente físico e o ambiente psicológico. O ambiente físico deve ser planejado para que o candidato se sinta confortável e sem a presença de distratores. Além disso, deve-se planejar o ambiente de modo

que possua iluminação adequada, ausência de ruídos, ventilação, temperatura e ambiente, disponibilidade de mesas e cadeiras. O ambiente psicológico diz respeito às condições mentais do testando, ou seja, é preciso investigar questões relativas à alimentação, sono e, paralelamente, estabelecer o vínculo de confiança.

Por último, o aplicador, ou seja, o profissional psicólogo deve atender três quesitos: conhecimento, aparência, comportamento durante a testagem e gravação da sessão. O conhecimento está relacionado ao profissional conhecer profundamente o material utilizado; a aparência deve priorizar roupas adequadas e limpas para causar boa impressão e o comportamento durante a testagem está associado a manter ordem, à disciplina, o respeito e a orientação, de modo a não fazer interferências e interrupções desnecessárias.

Para a execução desse trabalho não houve submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que o estudo relata a experiência vivenciada por estudantes de graduação. Os dados do voluntário foram informados brevemente, para contextualização. Informações adicionais são omitidas na seção de resultados e discussão, ficando a cargo somente das reflexões provocadas pelos momentos que antecederam e sucederam o contexto de aplicação

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É necessário partir-se do início, e tomar consciência dos preâmbulos acerca do peso histórico do desenvolvimento e adaptação de escalas em solo nacional, nos rechaços vividos, nas dificuldades encontradas e nas mobilizações que ocorreram para que a avaliação psicológica pudesse ser uma realidade no Brasil (WECHSLER; HUTZ; PRIMI, 2019). Todos esses pensamentos e anseios de experimentação, fizeram-se presentes em momentos que antecederam a aplicação dos primeiros instrumentos de avaliação que seriam utilizados na graduação, em ordem prática.

Existe, na perspectiva dos testes e do ensino da matéria de aplicação de testes, erros e situações que são dadas esperadas, como interferências externas ao ambiente (e.g. ruídos, barulhos e interrupções), possibilidades do respondente enfrentar dificuldades no momento da resposta (e.g. não entender a questão e a linguagem estar de difícil acesso), dificuldades e erros de aplicação pela parte do estagiário/profissional, e afins (BORSA; MUNIZ, 2016).

Além disso, cabe ressaltar a percepção do difícil papel dos professores, com os deveres de transpor o conhecimento teórico acerca da aplicação dos testes, as diversas formas de se fazer a aplicação prática dos instrumentos, as responsabilidades acerca das correções e orientações, esboçar de forma fidedigna a prática da avaliação psicológica, de modo a

exemplificar os caminhos a serem seguidos.

Neste aspecto, há de se pensar sobre a responsabilidade posta sobre os professores que, ao mesmo tempo, lidam com aspectos técnicos e humanos, que possuem sob sua história, dezenas de profissionais e formando outros novos profissionais. Experimentou-se, na prática, que fosse suficiente, a transmissão simples e pura da metodologia de aplicação, suficiente seria a utilização de manuais, que cumprem a finalidade de transpor a metodologia técnica da aplicação do teste x ou y.

Os professores têm como papel, algo que beira o que a Psicologia chama de acolhimento, não no sentido primeiro da palavra, que seria algo em torno da escuta das aflições e receios (QUADROS; CUNHA; UZIEL, 2020), mas em uma perspectiva que busca compreender as potencialidades e os sofrimentos de cada um (CANGHUILHEM, 1995). Além de transpor a ciência acerca dos deveres de ordem ética, moral e técnica. O sentimento experimentado pelos autores é de que os professores, têm a missão de demonstrar que os testes, os instrumentos ou qualquer outro meio de se abordar uma pessoa, nada mais passam de um meio, não algo com intencionalidade de ser o fim. Muito se lembrou de todos os cuidados amplamente abordados pelos professores encarregados pelas matérias de aplicação de testes, e de toda calma sistêmica que a mesma tentou trazer. Tal consideração com a realidade que seria encontrada, com absoluta certeza, ajudou e afastou temores maiores.

Diante disso, foram seguidas as recomendações propostas por Pasquali (2001) para que o momento acontecesse da melhor forma possível. Atentando-se para as condições de apresentação pessoal, proporcionando ambiente acolhedor e atentando-se para as técnicas já estudadas. Nessa direção, ao tomar consciência das responsabilidades estabelecidas entre o aplicador e o respondente, se faz necessário falar da experimentação da aplicação prática e da riqueza que o contato humano pode proporcionar. Na mistura de ansiedades, em que o momento aguardado e estudado acontece, os estudantes lembraram dos procedimentos anteriormente estudados, das orientações em busca de uma abordagem humana e dos aspectos éticos e morais que envolviam aquele momento.

Além disso, as conexões do que fazer acabam por acontecer, e quando não, há-se a incrível necessidade de adaptar, buscar novos meios, novas palavras, que sem fugir da regra, proporcionam que aquele momento aconteça. Ademais, experimentou-se o sentimento de que a boa utilização dos testes podem, e trazem, benefícios para que seja traçado intervenções seguras, prognósticos seguros, trazendo por consequência, seguridade do que ali é e será feito (NORONHA; REPPOLD, 2010).



Com a intenção de expor a perspectiva vivida na aplicação de testes, metaforicamente abordando, a sensação, ao se levantar estes fatores, é de estar lidando com algo muito sensível. Todo cuidado parece ser dificilmente suficiente. Nessa direção, foi experimentado que quando posto a noção de que ambiente é envolto de pressupostos de saúde, e que é entendido que haja um profissional, ou um futuro profissional da saúde, muito se coloca sobre aquele que faz saúde, e muito se pensa sob aquele que se sujeita estar ocupando determinado espaço, como respondente voluntário ou não (FIGUEIREDO, 2007). O sentimento experienciado foi de que, um mal-entendido poderia e traria consequências acerca daquele que se propôs para ser cuidado e acolhido. Uma palavra mal posta, uma expressão que saísse como não deveria, uma palavra que talvez não fosse a desejada, todas essas variáveis foram vistas como possíveis causadoras de consequências no outro que iria as receber.

Dessa forma, o pensamento de estar levando essa categoria de reflexão de forma irreal, também foi presente, e que apesar de se tratar de um ambiente em que teoricamente consiste em ser o local que suporta o cometimento de erros, as aflições, as expectativas e as ansiedades, ainda se fizeram presentes, como previsto anteriormente e como já estudado previamente (FIGUEIREDO, 2007). Na perspectiva dos estagiários, em um universo onde tudo é novo, muito difícil é nortear-se e não é incomum o encontro com as expectativas e ansiedades. Estas, apresentando-se das mais variadas formas, indo de cobranças auto impostas por bons resultados e ausências de erros, às alterações fisiológicas de funcionamento, como sudorese, taquicardia e insônia (LIPP, 2013). Durante os rumos tomados como certos, incertezas aparecem e surgem com uma frequência indesejada.

Existe em comum consenso, na autoria do relato, que fazer Psicologia é adentrar em contato com o que é humano, com isso, experimenta-se o contato inusitado e com o inédito. Mesmo com manuais, tornou-se difícil colocar-se à frente de um voluntário, que exporia quantitativamente sua inteligência (através do instrumento psicométrico Bateria de Prova de Raciocínio 5 (BPR-5) (ALMEIDA; PRIMI, 2000) e poria em desnudamento, aquilo que os testes buscavam investigar. Após a devida exposição ao BPR-5, o respondente viria a expor-se de forma projetiva, através dos testes de Casa-Árvore-Pessoa - Técnica Projetiva de Desenho (HTP) (ALVES; TARDIVO, 2003) e Z-Teste Coletivo e Individual - Técnica de Zulliger (VAZ; ALCHIERI, 2016), que também se fizeram dificultosos de se aplicar e de comportar-se ao fazer isso, também por conta das incertezas e inseguranças que rodeavam o ato de aplicar e administrar o andamento da testagem e da natureza da mesma. Os testes projetivos, por sua vez, buscaram através de uma metodologia qualitativa, estudar e nortear-se em busca da descrição



subjetiva dos estímulos, ali expostos ao respondente, havendo vasta possibilidade de resultado, interpretação e análise (CUNHA, 2000; PASQUALI, 1997).

Apesar das grandes ressalvas acerca desta temática, é na prática que perceberam-se as diferenças entre os meios e o fins, e das inúmeras necessidades existentes extra-manuais. A simulação fez com que fosse percebido que os momentos que antecedem a aplicação de testes, sejam elas as orientações de postura ética, mentoria, treinos e estudos as aplicações, e os momentos que se passam após, marcados pela interpretação de resultados, desenvolvimento de relatórios psicológicos com finalidade didáticas e troca de experiência, são igualmente importantes quando comparadas com os instantes da aplicação. Sendo assim, ambos os momentos são de comum relevância (SCHNEIDER *et al.*, 2020).

A partir da experiência vivida, constatou-se que é a partir da experimentação que vivencia-se o peso histórico de todos aqueles que se dedicaram para que o cenário fosse o que hoje é reconhecido (WECHSLER; HUTZ; PRIMI, 2019), e do cuidado que os mesmos tiveram para que a Psicologia não perdesse aquilo que os estagiários julgavam ter de mais precioso, a humanidade. Por fim, compreendeu-se que a ansiedade que precede e se faz presente durante o ato de aplicação, serve para alertar dos atos éticos e normativos, das regras e posturas ideais, e consequentes de toda a responsabilidade existente.

#### 4 CONCLUSÃO

O objetivo do presente estudo foi apresentar o relato de experiência de aplicação de instrumentos nas disciplinas do setor de estudo em avaliação psicológica. Acredita-se que o objetivo levantado tenha sido alcançado por meio do detalhamento da experiência proporcionada no momento de administrar, aplicar, corrigir e integrar dados e levantar os resultados dos instrumentos.

Muito se experimentou ao se colocar pela primeira vez em situação de aplicação de instrumento e de experimentação da realidade que seria vivida em situação real. Foi possível viver as ansiedades da prática da profissão e sentir o peso da responsabilidade do que se fez. Tomou-se ciência prática dos deveres morais e éticos, e das habilidades necessárias e inerentes ao profissional para que o dever ali seja cumprido da melhor forma possível. Foi possível viver o começo, o meio e o fim do que ali se propôs ser feito e das nuances de cada uma dessas fases, da ansiedade vivida em momento que precedeu as aplicações, da desenvoltura necessária para que o momento acontecesse e de todas as responsabilidades técnicas necessárias para que as correções e análises ocorressem.

Considerou-se, ao final, a importância do mentor/professor no processo de aplicação, manutenção e correção dos testes, e da transposição da humanidade necessária para que a prática acontecesse da melhor forma possível. Sentiu-se que é através da mentoria e orientação que surge a noção de cuidado e carinho no trato ao lidar com o outro, situação essa que se fez e faz presente até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

AMBIEL, R. A. M. *et al.* Análise de Ementas de Disciplinas de Avaliação Psicológica: Novos Tempos, Velhas Questões. **Aval. psicol., Itatiba**, v. 18, n. 1, p. 21-30, 2019.

BORSA, C. J.; MUNIZ, M. **Testagem psicológica com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de nov de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 4119, de 27 de agosto de 1962. **Dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo**. Boletim de Psicologia, v.14, n. 44, p., 71-76, 1962.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-V: Fundamentos do psicodiagnóstico**. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. **Psychê**, v. 11, n. 21, 13-30, 2007.

FREIRES, L. A. *et al.* Ensino da avaliação psicológica no Norte brasileiro: analisando as ementas das disciplinas. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 16, n. 2, p. 205-214, 2017.

GONZÁLES-REY, F. L. (Org). **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 1. ed. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOUVEIA, V. Formação em avaliação psicológica: situação, desafios e diretrizes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 74-86, 2018.

LIPP, M. E. N. **Stress do Professor (o)**. Papyrus Editora, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.



MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, 2009.

NORONHA, A. P. P.; FREITAS, F. A. Testes psicológicos, usos e conhecimento. **Psico**, v. 36, n. 1, p. 21-28, 2005.

NORONHA, A. P. P.; REPPOLD, C. T. (2010). Considerações sobre a avaliação psicológica no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 192-201.

NORONHA, A. P. P.; ALCHIERI, J. C. Conhecimento em avaliação psicológica. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 43-52, 2004.

NUNES, M. F. O. *et al.* Diretrizes para o ensino de avaliação psicológica. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 11, n. 2, p. 309-316, 2012.

PASQUALI, L. Histórico dos instrumentos psicológicos. **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**, p. 1-12, 1999.

PASQUALI, L. **Psicometria**: teoria dos testes na psicologia e na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PASQUALI, L. **Psicometria**: teoria e aplicações. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

PASQUALI, L. **Técnicas de Exame Psicológico - TEP**: manual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

QUADROS, L. C. D. T.; CUNHA, C. C. D.; UZIEL, A. P. Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

SANTOS, A. A. Comemorando 15 anos de Avanço na Área de Avaliação Psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 3-5, 2018.

SCHNEIDER, A. M. A. *et al.* Planejamento da avaliação psicológica: implicações para a prática e para a formação. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 40, p. 1-13, 2020.

WECHSLER, S. M.; HUTZ, C. S.; PRIMI, R. O desenvolvimento da avaliação psicológica no Brasil: Avanços históricos e desafios. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 18, n. 2, p. 121-128, 2019.